



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

ITALA BEZERRA ARAÚJO

**ENTRE CORPOS E IDENTIDADES: GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE
BIOLOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID**

FORTALEZA

2026

ITALA BEZERRA ARAÚJO

ENTRE CORPOS E IDENTIDADES: GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE
BIOLOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa
Silva

Coorientador: Prof. Dr. Ronaldo de Sousa
Almeida

FORTALEZA

2026

Página reservada para ficha catalográfica.

Utilize a ferramenta *online* [Catalog!](http://www.fichacatalografica.ufc.br/) para elaborar a ficha catalográfica de seu trabalho acadêmico, gerando-a em arquivo PDF, disponível para download e/ou impressão.

(<http://www.fichacatalografica.ufc.br/>)

ITALA BEZERRA ARAÚJO

ENTRE CORPOS E IDENTIDADES: GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE
BIOLOGIA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Ciências
Biológicas da Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Ciências Biológicas.

Aprovado em 2 de julho de 2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida (Coorientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Raquel Sales Miranda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Maya Eliz Sousa Lima
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva, e ao meu coorientador Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida, por todo apoio, dedicação e aprendizado compartilhados ao longo da minha formação acadêmica e durante a elaboração deste trabalho. As orientações, contribuições e incentivos de ambos foram fundamentais para o desenvolvimento deste relato de experiência e para meu crescimento profissional.

Aos meus amigos, que estiveram ao meu lado durante toda essa trajetória, oferecendo apoio, incentivo e tornando os dias difíceis mais leves com palavras de encorajamento e momentos de descontração. Compartilhar essa caminhada com vocês fez toda a diferença. Em especial, agradeço à Vitória e à Monalisa.

À Vitória, por fazer parte da minha vida muito antes da universidade e por sempre acreditar em mim, enxergando qualidades e potencialidades que, muitas vezes, eu mesma não conseguia reconhecer. Obrigada por compartilhar comigo não apenas os desafios e as alegrias da vida, mas também o amor pela literatura, que tantas vezes nos aproximou, inspirou conversas inesquecíveis e tornou nossa amizade ainda mais significativa.

À Monalisa, por ser um porto seguro nos momentos difíceis, pelo acolhimento, pelas conversas sinceras e por sempre encontrar uma maneira de me fazer sorrir, mesmo nos dias mais desafiadores. E, principalmente, por ter trazido o Enzo para a minha vida, permitindo que eu acompanhasse um pouco do seu crescimento e recebesse o carinho, a espontaneidade e a alegria que só ele consegue transmitir. A amizade de vocês foi essencial para que eu chegasse aqui.

A minha mãe, Sônia, expresso minha mais profunda gratidão. Obrigada por cada renúncia, por cada esforço silencioso e por nunca ter deixado de acreditar nos meus sonhos, mesmo quando eles pareciam distantes. Seu apoio, sua força e sua dedicação foram fundamentais para que eu pudesse chegar até este momento. Muitas das minhas conquistas também carregam a sua história, seus sacrifícios e seu amor.

À Vanessa, minha companheira de vida, pelo amor, pela parceria e pelo apoio incondicional. Você foi minha maior incentivadora durante toda essa jornada, celebrando minhas conquistas, acolhendo minhas inseguranças e me encorajando a seguir em frente mesmo nos momentos mais desafiadores. Não existem palavras suficientes para expressar a gratidão que sinto por ter você ao meu lado. Sua presença tornou essa caminhada mais leve, mais feliz e muito mais significativa.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho e para a minha formação pessoal e profissional, o meu mais sincero agradecimento.

“Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre lugares', do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, provoca e fascina.” (LOURO, 2004, p. 7)

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato acerca de uma proposta de intervenção pedagógica desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tendo como foco a articulação entre os conteúdos de Biologia e as discussões sobre gênero e sexualidade no Ensino Médio. A pesquisa parte da hipótese de que o ensino de Biologia, especialmente nos conteúdos sobre corpo humano, frequentemente assume caráter fragmentado e tecnicista, limitando-se aos aspectos anatômicos e fisiológicos e desconsiderando as dimensões sociais, culturais e históricas que constituem as experiências dos sujeitos. Fundamentado principalmente nas contribuições de Guacira Lopes Louro (2014), bem como nos estudos de Joan Scott (2019), o trabalho discute a presença das questões de gênero na formação inicial de professores(as) de Ciências Biológicas e suas implicações para a prática na sala de aula. A investigação se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, do tipo relato de experiência, utilizando também a narrativa autobiográfica como recurso metodológico para refletir sobre a trajetória da autora enquanto ex-estudante da educação básica, licencianda em Ciências Biológicas e bolsista do PIBID. A proposta pedagógica desenvolvida foi aplicada com estudantes das turmas A, B e C do 2º ano do Ensino Médio da EEMTI Antonieta Siqueira a partir do projeto “Desmistificando gênero e sexualidade na sala de aula”. A proposta articulou conteúdos relacionados ao sistema reprodutor humano com reflexões sobre ciclo menstrual, identidade de gênero, intersexualidade, transexualidade e respeito à diversidade, por meio de aulas expositivo-dialogadas, exibição de documentário, análise de manchetes jornalísticas e roda de conversa. Os resultados evidenciaram que a integração entre conhecimentos biológicos e questões sociais favoreceu a participação dos estudantes nas aulas de Biologia, ampliou as possibilidades de reflexão crítica sobre preconceitos naturalizados no cotidiano escolar e contribuiu para a construção de um ambiente mais acolhedor e inclusivo. Além disso, a experiência revelou a importância do PIBID para a formação docente, ao possibilitar a inserção de estudantes de licenciatura no ambiente escolar, garantindo uma real articulação de teoria e prática docente que antecede o exercício da profissão.

Palavras-chave: ensino de biologia; gênero; sexualidade; formação docente; PIBID.

ABSTRACT

This paper presents a report on a teaching intervention proposal developed as part of the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID), focusing on the integration of biology topics and discussions on gender and sexuality in high school. This study is based on the hypothesis that the teaching of biology, especially topics related to the human body, often assumes a fragmented and overly technical approach, limiting itself to anatomical and physiological aspects while disregarding the social, cultural, and historical dimensions that shape students' experiences. The study, based primarily on the work of Guacira Lopes Louro (2014) as well as Joan Scott's research (2019), discusses the presence of gender-related issues in the initial teacher training of biology teachers and their implications for classroom practice. This research is a qualitative study, specifically an experience report, which also incorporates autobiographical narrative as a methodological tool to reflect upon the author's journey as a former basic education student, undergraduate student in Biological Sciences, and PIBID scholarship holder. The teaching proposal was implemented with students in classes A, B, and C of the 2nd year of high school at EEMTI Antonieta Siqueira as part of the project "Demystifying Gender and Sexuality in the Classroom". The teaching proposal integrated topics related to the human reproductive system with discussions on subjects such as the menstrual cycle, gender identity, intersexuality, transgender identity, and respect for diversity, through a combination of lectures and discussions, a documentary screening, newspaper headline analysis, and group discussions. The results showed that integrating biology knowledge with social matters encouraged student participation in biology classes, provided opportunities for critical thinking about commonplace prejudices in everyday school life, and contributed to the creation of a more welcoming and inclusive environment. Furthermore, the project has revealed the importance of PIBID for teacher training, as it enables undergraduate students to experience the school environment, ensuring a genuine integration of teaching theory and practice prior to exercising the profession.

Keywords: biology teaching; gender; sexuality; teacher training; PIBID.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA.....	14
3 O GÊNERO NO CURRÍCULO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	16
3.1 A matriz curricular	16
3.2 O caráter fragmentado e tecnicista do ensino	19
3.3 As repercussões na formação de docentes	21
4 RELATO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)	23
4.1 O passo a passo da proposta	23
4.2 Articulação dos conteúdos de Biologia com gênero e sexualidade	25
4.3 Resultados da experiência	27
5 A FORMAÇÃO INICIAL E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO ENSINO MÉDIO.....	30
5.1 Formação crítica para futuros professores(as).....	30
5.2 O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como um espaço de construção da identidade docente	32
5.3 Para além do corpo biológico: desafios e possibilidades de uma prática pedagógica inclusiva.....	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICE A – SLIDES UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: DISCUSSÃO INICIAL E SISTEMA REPRODUTOR MASCULINO E FEMININO ...	39
APÊNDICE B – SLIDES UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: PESSOAS INTERSEXO, PESSOAS TRANS E A HORMONIZAÇÃO.....	40
APÊNDICE C – SLIDES UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: MENSTRUÇÃO	41
ANEXO A – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA APLICAÇÃO DO PROJETO	42

1 INTRODUÇÃO

As relações sociais na sociedade brasileira são marcadas por desigualdades que se manifestam em diferentes esferas sociais, incluindo o ambiente escolar. Alguns estudos recentes destacam que a violência de gênero se manifesta de forma recorrente nas escolas, por meio de diferentes práticas.

A pesquisa “Livres para sonhar: percepções da comunidade escolar sobre violência contra meninas” (SERENAS e PLANO CDE, 2025), aponta que sete em cada dez professores afirmam já ter presenciado situações de sexualização e assédio contra meninas no ambiente escolar, evidenciando a naturalização dessas práticas no cotidiano escolar. A pesquisa de alcance nacional objetivou mapear as dimensões da Violência Baseada no Gênero e seus impactos nas escolas brasileiras. Pude perceber, portanto, que as desigualdades de gênero não apenas persistem, mas também atravessam os espaços formativos, tornando fundamental a problematização dessas questões no contexto educacional, especialmente no ensino de Biologia, que aborda mais diretamente o corpo humano e suas dimensões.

Ademais, a escola se configura como um espaço social no qual diferentes valores, normas e concepções são constantemente produzidos, reproduzidos e negociados nas interações cotidianas. Guacira Lopes Louro (2014, p. 61) destaca que

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se faz diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

Desta forma, a escola participa ativamente da construção de normas e significados relacionados ao gênero e à sexualidade, não sendo, portanto, um espaço neutro, mas um ambiente permeado por relações sociais e culturais. Tal compreensão também se aproxima das reflexões de Michel Foucault (2025), ao considerar que os discursos produzidos nos espaços institucionais, como a escola, influenciam a forma como os sujeitos compreendem seus corpos e suas identidades.

Enquanto estudante de Ciências Biológicas e participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tive a oportunidade de retornar à escola pública como uma docente em formação. Essa vivência possibilita a construção de uma ponte entre universidade e escola, na qual os conhecimentos teóricos discutidos na formação

inicial dialogam com as experiências concretas do cotidiano escolar, favorecendo uma compreensão mais crítica da prática educativa.

Nesse contexto, compreendo, a partir das contribuições de Louro (2014), que a escola desempenha um papel relevante na construção e na manutenção de normas sociais associadas ao gênero e à sexualidade, ao mesmo tempo em que pode se constituir como um espaço privilegiado para problematizar tais construções e promover reflexões críticas.

Ao dissertar sobre o recente uso do conceito de gênero como categoria de análise histórica, Joan Scott (2019, p. 54) afirma que

[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior.

Assim, durante minha atuação no ambiente escolar por meio do PIBID, passei a registrar, por meio de anotações, algumas observações sobre o comportamento dos estudantes. Ao longo desse processo, identifiquei um padrão recorrente: a presença de brincadeiras com teor machista, LGBTfóbico e, por vezes, misógino. Essas manifestações, frequentemente expressas em tom de humor, revelam a reprodução de valores socialmente construídos que contribuem para a manutenção de preconceitos, desigualdades e violências

Observei ainda, que tais práticas eram majoritariamente protagonizadas por estudantes do gênero masculino e direcionadas, em muitos casos, às estudantes do sexo feminino ou àqueles que não se enquadravam nos padrões hegemônicos de gênero e sexualidade. Essa dinâmica evidencia como as relações de gênero se estruturam no ambiente escolar, reforçando papéis e hierarquias sociais, conforme discutido por Louro (2014) e aprofundado pela perspectiva analítica de Scott (2019).

Apesar da relevância dos conteúdos relacionados ao corpo humano para o Ensino de Biologia no Ensino Médio, observa-se que seu ensino ainda ocorre, em muitos contextos, de forma fragmentada, com a apresentação isolada dos sistemas corporais e pouca articulação entre suas dimensões biológicas, sociais e culturais. Essa fragmentação contribui para uma compreensão limitada do corpo, reduzindo-o a aspectos puramente anatômicos e fisiológicos, desconsiderando as experiências vividas pelos sujeitos e os significados que atribuem a si mesmos. Conforme defendido por Louro (2014), essa abordagem pode reforçar a ideia de um corpo universal e normativo, invisibilizando diferenças, especificidades e dificultando o reconhecimento da diversidade.

Diante dessas observações, senti a necessidade de pensar em estratégias pedagógicas que possibilitassem problematizar tais comportamentos e promover uma reflexão crítica entre os estudantes. Assim, busquei articular essa demanda às possibilidades apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) à área de Ciências da Natureza. No entanto, tratando especificamente dos conteúdos relacionados ao corpo humano, ao sistema reprodutor¹, à puberdade e à saúde.

A partir dessa articulação, foi elaborado o projeto intitulado “Desmistificando gênero e sexualidade na sala de aula”. O projeto foi aplicado nas turmas A, B e C do 2º ano da EEMTI Antonieta Siqueira, uma instituição de Ensino Médio da rede pública estadual. A escola está localizada no bairro Pici, em Fortaleza/Ceará. O projeto foi desenvolvido em conjunto com a professora Ariana Fernandes, docente titular da disciplina e Professora Supervisora do PIBID Biologia na Instituição.

O projeto teve como eixo inicial o conteúdo de sistema reprodutor e buscou, para além da abordagem tradicional centrada nos aspectos anatômicos e fisiológicos, ampliar a discussão por meio da inclusão de reflexões sobre a distinção entre sexo biológico e identidade de gênero, discutindo desde a transexualidade e os processos de hormonização até a existência de pessoas intersexo. Também foi dado destaque às questões relacionadas ao ciclo menstrual e o que as pessoas que menstruam costumam utilizar.

Como complemento às atividades desenvolvidas, foi trabalhado com os estudantes o documentário “O silêncio dos homens” (2019), produção da Iniciativa Papo de Homem (PdH), que problematiza os impactos das normas de masculinidade na vida de homens e meninos. Posteriormente, foi realizada uma roda de conversa, na qual discutimos manchetes jornalísticas previamente selecionadas, relacionadas aos temas abordados ao longo do projeto, promovendo um espaço de diálogo e reflexão coletiva.

Dessa forma, o projeto teve como objetivo promover um ensino de Biologia que ultrapassasse uma perspectiva estritamente técnica, integrando os conhecimentos científicos às dimensões sociais e culturais que constituem a experiência humana. Ao criar espaços de escuta, diálogo e reflexão, buscou-se proporcionar aos estudantes uma análise crítica acerca da naturalização de discursos e comportamentos presentes no cotidiano escolar, bem como de suas implicações para as relações sociais e para a construção das identidades.

¹ A nomenclatura “Sistema Reprodutor”, utilizada ao longo deste trabalho monográfico e do desenvolvimento da proposta de intervenção pedagógica, foi utilizada uma vez que já estava presente no plano de trabalho da professora titular da disciplina de Biologia da instituição de ensino. O termo “Sistema Genital” seria uma alternativa interessante para desassociar a ideia de que tal sistema deve ser exclusivamente associado à reprodução humana.

A partir dessa experiência, compreendi que o ensino de Biologia pode desempenhar um papel que vai além da transmissão de conteúdos científicos, assumindo também uma função social e formativa na construção de sujeitos críticos e conscientes. Enquanto futura docente, reconheço a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas que rompam com abordagens fragmentadas e reducionistas do corpo humano, buscando integrar os conhecimentos biológicos às vivências e à realidade dos estudantes. Nesse sentido, este trabalho não se configura apenas como uma proposta de intervenção pedagógica, mas também como parte do meu processo de formação docente, no qual a articulação entre teoria e prática se torna fundamental.

Diante desse contexto, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar, no contexto de ensino de Biologia, como a articulação entre conteúdos relacionados ao corpo humano e as discussões de gênero e sexualidade pode contribuir para a construção de uma abordagem pedagógica mais crítica, integrada e sensível às diversidades. Como objetivos específicos, busquei investigar o caráter fragmentado e tecnicista do ensino dos conteúdos relacionados ao corpo humano e a insuficiente discussão das questões de gênero nas aulas de Biologia; desenvolver e aplicar proposta pedagógica, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que articule conteúdos de Biologia às discussões de gênero e sexualidade; analisar, a partir das contribuições de Guacira Lopes Louro, os impactos da proposta pedagógica na reflexão dos estudantes sobre corpo, gênero e sexualidade; e descrever as potencialidades e os limites da experiência desenvolvida, considerando sua contribuição para a formação docente e para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas no ensino de Biologia.

Assim, ao refletir sobre o projeto “Desmistificando gênero e sexualidade na sala de aula”, busco contribuir para a construção de um ensino de Biologia mais integrado, inclusivo e sensível às diversidades, comprometido não apenas com a aprendizagem dos conteúdos científicos, mas também com a formação de sujeitos capazes de questionar, compreender e transformar a realidade em que estão inseridos.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, desenvolvida no contexto da educação básica, a partir da minha atuação como licencianda em Ciências Biológicas e participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Essa abordagem possibilita a descrição, análise e reflexão crítica sobre práticas pedagógicas vivenciadas no ambiente escolar, articulando teoria e prática no processo de formação docente.

Além do relato de experiência, esta pesquisa incorpora elementos da narrativa autobiográfica como recurso metodológico, uma vez que parte das reflexões apresentadas e foi construída a partir da minha própria trajetória formativa. Na condição de ex-aluna da educação básica, licencianda em Ciências Biológicas e participante do PIBID, me apoio em experiências pessoais e profissionais para compreender os fenômenos investigados e atribuir significados às práticas desenvolvidas.

A narrativa autobiográfica permite que o pesquisador reflita criticamente sobre sua própria experiência, reconhecendo-a não apenas como vivência individual, mas como parte dos processos sociais, culturais e educativos mais amplos. Nesse sentido, a escrita deste trabalho constitui também um exercício de reflexão sobre minha própria formação docente, possibilitando analisar como as experiências vivenciadas na universidade e na escola contribuíram para a construção da proposta pedagógica e para a compreensão das relações entre ensino de Biologia, gênero e sexualidade.

Outrossim, o projeto “Desmistificando gênero e sexualidade na sala de aula” foi idealizado por mim a partir da hipótese de que a fragmentação e o tecnicismo ainda presentes no ensino de temas relacionados ao corpo humano nas aulas de Biologia do Ensino Médio acabam por distanciar os estudantes de uma vivência da sexualidade enquanto dimensão essencial do ser humano.

O projeto foi aplicado no 2º Ano do Ensino Médio da EEMTI Antonieta Siqueira, com as turmas A, B e C. A professora Ariana Fernandes, acompanhou o andamento das atividades. Ariana Fernandes é a professora titular da disciplina, além de Supervisora do PIBID Biologia na instituição e Professora Coordenadora da Área de Ciências da Natureza da instituição de ensino em questão.

A escolha do 2º Ano do Ensino Médio para a aplicação do projeto se justifica pelo fato de que, nessa etapa da escolarização, são abordados conteúdos relacionados ao corpo

humano, especialmente sistema reprodutor, puberdade e saúde, os quais permitem a articulação com as discussões de gênero e sexualidade propostas neste trabalho.

A experiência pedagógica foi planejada em conjunto com a professora regente da disciplina, tendo como base os conteúdos previstos na BNCC para a área de Ciências da Natureza. A proposta teve como eixo central o ensino do sistema reprodutor, buscando, para além da abordagem tradicional, incorporar reflexões sobre sexo biológico, identidade de gênero, diversidade corporal, ciclo menstrual e aspectos relacionados às vivências de pessoas transexuais.

Para o desenvolvimento das atividades, utilizei diferentes estratégias didáticas, como aulas expositivo-dialogadas, análise de situações do cotidiano, exibição do documentário “O silêncio dos homens”, discussão de manchetes jornalísticas e rodas de conversa. Essas atividades foram pensadas com o objetivo de promover a participação dos estudantes e estimular a construção de reflexões críticas sobre os temas abordados.

A coleta dos dados apresentados nesta pesquisa ocorreu por meio de registros realizados durante e após as aulas, incluindo anotações em diário de campo, observação das interações entre os estudantes e análise das discussões desenvolvidas ao longo das atividades. Esses registros possibilitaram acompanhar as percepções, falas e posicionamentos dos estudantes diante das discussões propostas.

A análise das minhas anotações foi realizada à luz do referencial teórico adotado, especialmente das contribuições de Guacira Lopes Louro (2014). Nesse processo, busquei investigar como os estudantes se apropriaram dos conteúdos trabalhados e de que forma as discussões contribuíram para a problematização de concepções naturalizadas sobre corpo, gênero e sexualidade.

Por fim, ressalto que foram respeitados os princípios éticos da pesquisa, garantindo o anonimato dos alunos participantes, bem como o uso das informações exclusivamente para fins acadêmicos.

3 O GÊNERO NO CURRÍCULO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

As discussões sobre gênero e sexualidade têm se tornado cada vez mais relevantes no campo educacional, especialmente na formação de professores(as). No contexto da Licenciatura em Ciências Biológicas, essa discussão assume uma importância particular devido à presença de conteúdos relacionados ao corpo humano, a reprodução e a sexualidade, temas frequentemente abordados tanto na formação inicial quanto na educação básica.

Nesse sentido, pensar a formação docente implica compreender que os conhecimentos científicos não devem ser trabalhados de forma isolada, mas articulados às dimensões sociais, culturais e históricas que constituem a realidade dos estudantes, conforme defendem Moraes e Henrique (2017) ao discutirem a formação de professores de Biologia em uma perspectiva integrada.

Dessa forma, este capítulo busca refletir sobre a presença das questões de gênero no currículo do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, tomando como referência a matriz curricular da Universidade Federal do Ceará (UFC).

3.1 A matriz curricular

A formação inicial de professores(as) exerce papel fundamental na construção das concepções e práticas pedagógicas que serão desenvolvidas posteriormente no ambiente escolar. Nesse sentido, a análise da matriz curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará (UFC), vigente de 2014 até o ano de 2024, permite refletir sobre os espaços destinados às discussões relacionadas a gênero e sexualidade durante a formação docente.

Ao observar a matriz curricular do curso, aprovado em 2014, percebe-se uma forte presença de disciplinas voltadas aos conhecimentos biológicos específicos, especialmente aqueles relacionados à estrutura, ao funcionamento e ao desenvolvimento dos organismos.

Disciplinas como Biologia Celular abordam conteúdos referentes à

Composição química da célula; proteínas, carboidratos, lipídeos, e ácidos nucleicos; Métodos de estudos das células; Membrana celular; Organelas citoplasmáticas: composição química, estrutura e função; Síntese de proteínas; Núcleo interfásico; Regulação do ciclo celular, meiose. Evolução celular (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2014).

De forma semelhante, Histologia Animal se concentra na “caracterização dos padrões de organização celular, na formação dos tecidos básicos animais: histogênese e

morfofisiologia” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2014), enquanto a Genética contempla temas como

Bases citológicas da hereditariedade. Padrões de herança mendeliana: genes únicos, dois ou mais genes com segregação independente. Interação gênica. Herança e sexo. Ligamento genético. Genética quantitativa, Genética de populações. Mecanismos genéticos de evolução. Tópicos de genética moderna (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2014).

Essa organização curricular evidencia a importância atribuída à formação científica do licenciando, aspecto fundamental para a atuação do(a) futuro(a) professor(a) de Biologia. Entretanto, chama atenção ao fato de que, embora algumas disciplinas abordem conteúdos diretamente relacionados ao corpo humano, a reprodução e ao sexo biológico, as questões de gênero e sexualidade não aparecem explicitamente entre os objetos de estudo dos componentes curriculares obrigatórios.

Por outro lado, alguns componentes curriculares apresentam potencial para a problematização dessas temáticas. Disciplinas como Fundamentos de Filosofia da Ciência, Estudos Sócio-Históricos e Culturais da Educação, Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Adolescência, Informática Aplicada ao Ensino de Ciências e os componentes de Instrumentalização Profissional Docente apresentam potencial para oportunizar discussões sobre diversidade, cultura, produção de conhecimentos e relações sociais que podem contribuir para reflexões acerca das questões de gênero no contexto educacional.

Essa constatação evidencia uma característica recorrente nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas: a predominância de uma perspectiva técnica sobre o corpo humano e sobre os fenômenos relacionados à sexualidade. Embora conteúdos referentes à reprodução humana, genética e desenvolvimento sejam amplamente abordados, muito dificilmente são discutidas as dimensões históricas, culturais e sociais que atravessam as vivências relacionadas à sexualidade dos sujeitos. Conforme argumenta Louro (2014, p. 89):

[...] se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida [...]; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida, e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades.

Desta forma podemos afirmar que as identidades de gênero e sexualidade são construções sociais produzidas em diferentes espaços, entre eles a escola e a universidade, o que torna fundamental que essas discussões integrem a formação docente.

Ao refletir sobre minha própria trajetória acadêmica no curso de Ciências Biológicas da UFC, percebi que grande parte dos debates relacionados a gênero e sexualidade foram desenvolvidos e incluídos na academia por meio de projetos de extensão, atividades do PIBID ou mesmo grupos de estudos. Em outras palavras, gênero e sexualidade sempre apareciam de forma acessória às disciplinas, nunca ocupando lugar central dentro das disciplinas obrigatórias para os docentes em formação. Percebi assim a existência de uma lacuna na formação inicial dos estudantes da Licenciatura em Ciências Biológicas. Uma matriz curricular que não discute temas tão relevantes tende a formar profissionais despreparados para lidar com situações corriqueiras no cotidiano escolar — situações que envolvem preconceito, discriminação e dúvidas relacionadas ao gênero e à sexualidade dos discentes.

Dessa forma, a análise da matriz curricular me permitiu compreender que, embora existam componentes curriculares capazes de fomentar reflexões críticas sobre relações sociais e educacionais, as discussões sobre gênero ainda ocupam um espaço pouco evidente na formação inicial do licenciado em Ciências Biológicas. Tal cenário reforça a importância de iniciativas pedagógicas que promovam a articulação entre os conhecimentos biológicos e as discussões sobre diversidade, contribuindo para uma formação docente mais crítica, inclusiva e comprometida com a realidade contemporânea.

3.2 O caráter fragmentado e tecnicista do ensino

O ensino de Biologia na educação básica desempenha um papel fundamental na compreensão dos fenômenos naturais e na formação científica dos estudantes. Entretanto, historicamente muitos conteúdos têm sido abordados a partir de uma perspectiva fragmentada e tecnicista, marcada pela divisão dos conhecimentos em conteúdos isolados e pela valorização excessiva dos aspectos anatômicos, fisiológicos e classificatórios. No caso do ensino do corpo humano, essa fragmentação costuma se expressar na abordagem separada dos sistemas corporais, frequentemente desvinculada das experiências, vivências e contextos socioculturais dos estudantes.

Ao longo da minha trajetória como estudante da educação básica, recordo que os conteúdos relacionados ao corpo humano eram frequentemente apresentados a partir de uma lógica descritiva, centrada na memorização de estruturas, órgãos e funções. Embora esses conhecimentos sejam importantes para a compreensão biológica do organismo, raramente eram estabelecidas conexões com questões relacionadas à identidade, às relações de gênero, à sexualidade ou às diferentes formas de vivenciar o próprio corpo. Dessa forma, o corpo era apresentado como uma estrutura universal, homogênea e neutra, como se as experiências humanas pudessem ser reduzidas exclusivamente aos aspectos biológicos.

Essa perspectiva encontra respaldo em uma tradição científica que, por muito tempo, buscou compreender o corpo a partir de critérios considerados objetivos e universais. Entretanto, autores como Foucault (2025) argumentam que os discursos científicos não são neutros, mas participam da produção de saberes e normas que influenciam a forma como os sujeitos compreendem seus corpos e suas identidades. Assim, quando o ensino de Biologia apresenta o corpo apenas sob uma perspectiva biológica, corre o risco de reforçar determinadas concepções normativas sobre sexo, gênero e sexualidade, naturalizando diferenças socialmente construídas.

Nesse contexto, as contribuições de Louro (2014) tornam-se especialmente relevantes para a reflexão sobre a educação básica. Ao discutir as relações entre educação, gênero e sexualidade, a autora destaca que os processos educativos participam ativamente da produção de identidades e da definição de comportamentos considerados adequados ou inadequados socialmente.

Em sua obra “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer”, Louro (2004) problematiza a tendência de se compreender os corpos a partir de categorias

fixas e binárias, evidenciando que as experiências humanas são múltiplas e atravessadas por diferentes marcadores sociais. Ao discutir os sujeitos que desafiam as normas estabelecidas, a autora afirma que “Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina” (Louro, 2004, p. 8). Essa reflexão permite compreender que muitos corpos e identidades que não se enquadram nos padrões tradicionalmente legitimados acabam sendo invisibilizados ou tratados como exceções nos processos educativos. Dessa forma, quando o ensino de Biologia se limita a descrição técnica dos sistemas corporais e da reprodução humana, sem problematizar as múltiplas formas de viver o corpo, o gênero e a sexualidade, contribui para a manutenção de perspectivas normativas que pouco dialogam com a realidade dos estudantes.

De forma complementar, Joan Scott (2019, p. 67) afirmou que “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Louro (2000, p. 9) para quem “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais”. Dessa forma, torna-se possível reconhecer que as discussões sobre corpo, sexualidade e reprodução não dizem respeito apenas à biologia, mas também as formas pelas quais a sociedade produz significados, papéis sociais e relações de poder.

Dessa forma, a fragmentação e o tecnicismo presentes no ensino de Biologia podem limitar a compreensão dos estudantes acerca da complexidade que envolve os corpos e as identidades humanas. Quando os conteúdos são apresentados exclusivamente sob uma ótica biológica, perde-se a oportunidade de promover reflexões sobre diversidade, respeito e cidadania, temas que fazem parte do cotidiano escolar e da realidade dos estudantes. Nesse sentido, torna-se necessário construir práticas pedagógicas que articulem os conhecimentos científicos às dimensões sociais, culturais e históricas da experiência humana, contribuindo para uma formação mais crítica e inclusiva.

Foi justamente a partir dessa compreensão que surgiu a proposta pedagógica relatada neste trabalho. Ao identificar a recorrência de discursos machistas e LGBTfóbicos no ambiente escolar, percebi uma necessidade de ampliar as discussões realizadas nas aulas de Biologia, utilizando conteúdos relacionados ao corpo humano como ponto de partida para problematizar concepções naturalizadas sobre gênero e sexualidade. Assim, busquei desenvolver uma abordagem que ultrapassasse os limites de aulas puramente expositivas, promovendo um diálogo entre os conhecimentos biológicos e as experiências concretas vivenciadas pelos estudantes.

3.3 As repercussões na formação de docentes

As escolhas curriculares realizadas no curso de formação inicial de professores(as) não influenciam apenas os conhecimentos científicos adquiridos pelos licenciandos, mas também as formas como estes compreendem os sujeitos, os processos educativos e as demandas presentes no cotidiano escolar. Nesse sentido, a pouca visibilidade das discussões sobre gênero e sexualidade nos currículos dos cursos de Ciências Biológicas pode gerar repercussões significativas na atuação profissional dos futuros docentes.

Ao ingressar na educação básica, professores e professoras frequentemente se deparam com situações que envolvem discriminação, violência de gênero, preconceito contra a comunidade LGBTQIA+, estereótipos relacionados aos corpos e dúvidas sobre sexualidade. Entretanto, quando essas temáticas não são discutidas de maneira sistemática durante a formação inicial, muitos profissionais acabam se sentindo inseguros para abordá-las em sala de aula ou tendem a restringir o debate aos aspectos estritamente biológicos da reprodução humana.

Essa realidade pode contribuir para a manutenção de uma perspectiva tecnicista do ensino de Biologia, na qual o corpo humano é apresentado principalmente a partir de suas estruturas anatômicas e funções fisiológicas, desconsiderando as dimensões sociais, culturais e históricas que atravessam a experiência dos sujeitos. Nessa perspectiva, Louro (2000) ressalta que as identidades de gênero e sexualidade são construídas nas relações sociais, sendo influenciadas pelos contextos históricos e culturais nos quais os indivíduos estão inseridos. Dessa forma, limitar o ensino às explicações biológicas significa ignorar elementos fundamentais para a compreensão da diversidade humana e das múltiplas relações que se estabelecem no ambiente escolar.

As contribuições de Scott (2019) também auxiliam na compreensão dessa problemática ao defender que o gênero constitui uma categoria útil de análise das relações sociais e das estruturas de poder. Sob essa perspectiva, a formação docente que não contempla discussões sobre gênero está sujeita a reproduzir visões naturalizadas das diferenças entre homens e mulheres, dificultando a problematização das desigualdades presentes na sociedade e na escola.

As reflexões de Foucault (2025) também contribuem para essa discussão ao evidenciar que os saberes produzidos pelas instituições educacionais participam da construção de discursos sobre os corpos e as sexualidades. Assim, os conhecimentos construídos nos cursos de formação docente não são neutros, mas influenciam diretamente as formas pelas

quais futuros(as) professores e professoras interpretarão e abordarão essas questões em sua prática pedagógica.

Ao refletir sobre minha trajetória no curso de Ciências Biológicas, percebi que tive acesso a discussões relacionadas a gênero e sexualidade por meio da participação em projetos de ensino, atividades do PIBID e leituras extracurriculares. Esses espaços foram fundamentais para ampliar minha compreensão acerca das relações entre corpo, gênero, sexualidade e educação. Tal experiência evidencia que, embora essas temáticas sejam relevantes para a atuação docente e para a compreensão das demandas contemporâneas da escola, elas ainda ocupam um espaço secundário na formação inicial de professores(as) de Ciências Biológicas, dependendo muitas vezes da iniciativa individual dos licenciandos(as) ou de oportunidades formativas complementares para serem postas em evidência.

Foi justamente durante minha inserção no ambiente escolar por meio do PIBID que percebi com maior clareza a necessidade de ampliar essas discussões. As observações realizadas em sala de aula revelaram a presença frequente de discursos machistas, LGBTfóbicos e misóginos entre os estudantes, demonstrando que as questões de gênero atravessam o cotidiano escolar e demandam intervenções pedagógicas qualificadas. Diante desse cenário, compreendi que a formação de professores e professoras de Biologia precisa ir além do domínio dos conteúdos científicos, incorporando também reflexões que possibilitem a construção de práticas educativas mais inclusivas, críticas e comprometidas com o respeito à diversidade.

Desse modo, discutir gênero na formação inicial de professores e professoras de Ciências Biológicas não significa abandonar os conhecimentos específicos que caracterizam a área, mas ampliar suas possibilidades de interpretação e aplicação. Trata-se de reconhecer que os corpos estudados pela Biologia são também corpos sociais, atravessados por experiências, identidades e relações de poder. Assim, a inclusão dessas discussões na formação docente pode contribuir para que futuros(as) professores(as) estejam mais preparados para enfrentar os desafios presentes na escola contemporânea e para desenvolver práticas pedagógicas que valorizam a diversidade humana e suas múltiplas dimensões.

4 RELATO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)

A experiência relatada neste trabalho foi desenvolvida no âmbito do PIBID, a partir da articulação entre as discussões sobre gênero e sexualidade e os conteúdos de Biologia trabalhados no Ensino Médio. A inserção no cotidiano escolar proporcionada pelo programa favorece a aproximação entre universidade pública e escola, contribuindo para a construção da identidade docente e para a reflexão crítica sobre a prática pedagógica.

Nesse contexto, apresento neste capítulo o processo de construção e desenvolvimento da proposta pedagógica, discutindo seu planejamento, a articulação entre os conteúdos de Biologia e as contribuições da experiência para a formação dos estudantes e para minha formação docente.

4.1 O passo a passo da proposta

A proposta pedagógica relatada nesta monografia foi desenvolvida no âmbito do PIBID, em parceria com a professora supervisora Ariana Fernandes, nas turmas do 2º ano A, B e C da EEMTI Antonieta Siqueira. O planejamento das atividades surgiu a partir das observações realizadas durante minha inserção no ambiente escolar, quando identifiquei a recorrência de discursos machistas, LGBTfóbicos e misóginos entre os estudantes, geralmente expressos sob a forma de “brincadeiras” e comentários corriqueiros no ambiente escolar².

A partir dessa realidade, iniciei o processo de reflexão sobre as possibilidades de abordar essas questões a partir dos conteúdos previstos na BNCC para as Ciências da Natureza, especificamente no que se refere à Biologia. Em diálogo com a professora supervisora, identificamos que o conteúdo de sistema reprodutor humano poderia servir como ponto de partida para ampliar as discussões para além dos aspectos anatômicos e fisiológicos tradicionalmente trabalhados nas aulas.

A primeira etapa da proposta consistiu na realização de aulas expositivo-dialogadas sobre o sistema reprodutor humano. Nesse momento, foram abordadas a anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores masculino e feminino, bem como os processos relacionados à reprodução humana. Tradicionalmente, esse tema é estudado a partir de aspectos anatômicos e fisiológicos, enfatizando estruturas corporais, gametogênese,

² Optei por não incluir textualmente exemplos de tais discursos, comentários e até mesmo do comportamento observados por conta de seu teor violento.

fecundação e reprodução. Embora esses conhecimentos sejam fundamentais para a compreensão biológica do organismo humano, compreendi que eles também poderiam servir como oportunidade para ampliar as discussões sobre corpo, identidade e diversidade.

Durante as aulas, as discussões sobre o sistema reprodutor possibilitaram abordar temas como existência de pessoas intersexo, evidenciando que os corpos humanos apresentam maior diversidade do que as classificações binárias tradicionalmente utilizadas.

Ao discutir características sexuais primárias e secundárias, também foi possível introduzir reflexões sobre identidade de gênero e sobre as experiências vivenciadas por pessoas transexuais, incluindo aspectos relacionados ao processo de hormonização e as mudanças corporais decorrentes desses procedimentos. A intenção não era substituir os conteúdos de Biologia previstos, mas ampliar sua compreensão, demonstrando que os processos biológicos estudados pela ciência coexistem com experiências humanas marcadas por dimensões sociais, culturais e históricas.

Além disso, foram discutidos aspectos relacionados ao ciclo menstrual, incluindo diferentes produtos utilizados durante o período menstrual e as dificuldades enfrentadas por pessoas que menstruam.

Como estratégia para aprofundar as reflexões sobre relações de gênero, foi realizada a exibição do documentário “O silêncio dos homens” (2019), produzido pela iniciativa Papo de Homem (PdH). A escolha do material ocorreu em função de sua proposta de problematizar os impactos dos padrões tradicionais de masculinidade na vida dos homens e nas relações sociais. Durante a exibição, os estudantes foram incentivados a discutir sobre os temas apresentados.

Após o documentário, foi promovida uma roda de conversa com as turmas participantes. Nesse momento, foram exibidas manchetes jornalísticas previamente selecionadas, abordando temas relacionados às questões trabalhadas ao longo do projeto. A utilização dessas notícias teve como objetivo aproximar os conteúdos debatidos à realidade social contemporânea, demonstrando que o machismo, a misoginia, as questões de gênero e a sexualidade não se restringem ao ambiente escolar, mas fazem parte de problemáticas presentes na sociedade brasileira. Além disso, esse momento também proporcionou que os estudantes pudessem compartilhar suas impressões sobre o conteúdo assistido e as manchetes jornalísticas, estabelecendo relações entre as situações apresentadas no documentário e na manchete e as experiências observadas em seu próprio contexto social.

Ao longo de todo o processo, foram realizadas anotações em diário de campo, contemplando observações sobre a participação dos estudantes, os diálogos estabelecidos

durante as atividades e as reflexões suscitadas pela proposta. Esses registros constituíram a base para as reflexões e análise apresentadas neste trabalho, possibilitando compreender as potencialidades e os desafios da articulação entre ensino de Biologia e as discussões sobre gênero e sexualidade no contexto escolar.

4.2 Articulação dos conteúdos de Biologia com gênero e sexualidade

Antes mesmo da elaboração do projeto, me deparei com um questionamento durante a trajetória acadêmica e minha atuação na escola por meio do PIBID: de que forma as discussões sobre gênero e sexualidade poderiam ser desenvolvidas nas aulas de Biologia sem serem compreendidas como conteúdos externos ao currículo? Essa indagação surgiu não apenas das situações observadas no cotidiano escolar, mas também da percepção de que muitos debates que atravessam a vida dos estudantes permanecem distantes das práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

Ao planejar a proposta, compreendi que era necessário buscar respaldo nos documentos curriculares que orientam a educação básica, de modo a garantir que a articulação entre conteúdos biológicos e as discussões sociais estivesse fundamentada pedagogicamente. Nesse processo, a análise da BNCC revelou que a proporção de reflexões sobre diversidade, respeito e cidadania encontra respaldo nas competências e habilidades previstas na área de Ciências da Natureza.

Nesse contexto, segundo a BNCC,

Na Educação Básica, a área de Ciências da Natureza deve contribuir com a construção de uma base de conhecimentos contextualizada, que prepare os estudantes para fazer julgamentos, tomar iniciativas, elaborar argumentos e apresentar proposições alternativas, bem como fazer uso criterioso de diversas tecnologias (BRASIL, 2018, p. 537).

O projeto “Desmistificando gênero e sexualidade na sala de aula” apresenta, portanto, bastante relevância no que se refere à formação dos estudantes que integram o corpo discente da EEMTI Antonieta Siqueira — uma vez que procura apresentar conteúdos de Biologia de forma contextualizada com temas de grande relevância social.

Uma vez constatada a relevância do trabalho, foi necessário garantir que a proposta pedagógica de trabalhar gênero e sexualidade não estivesse desvinculada aos conteúdos previstos pela BNCC para a área de Ciências da Natureza.

Após analisar o texto do documento referencial concluí que os temas de gênero e sexualidade podem ser incluídos nas aulas de Biologia que trabalhem as Competências

Específicas 2 e 3 da área de Ciências da Natureza. O texto do documento curricular nos traz que, se utilizando da Competência Específica 2, o estudante deverá ser capaz de “Analisar e utilizar interpretações sobre a dinâmica da Vida, da Terra e do Cosmos para elaborar argumentos, realizar previsões sobre o funcionamento e a evolução dos seres vivos e do Universo, e fundamentar e defender decisões éticas e responsáveis.” (BRASIL, 2018, p. 542). Vale destacar ainda uma das Habilidades relacionadas à Competência em questão. A Habilidade EM13CNT207 objetiva garantir que o estudante do Ensino Médio consiga

Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar (BRASIL, 2018, p. 543).

Como é possível perceber, o texto da Competência 2 não trata diretamente de questões relacionadas ao corpo humano, tampouco a questões de gênero e sexualidade, no entanto, quando acessamos a Habilidade EM13CNT207 já podemos encontrar um direcionamento mais específico à complexidade das vivências do ser humano em sua juventude e, por conseguinte, os estudantes do Ensino Médio.

Dando continuidade à leitura do texto da BNCC, é possível encontrar ainda outro trecho que direciona e possibilita a aplicação da proposta de intervenção relatada no presente trabalho. A Competência Específica 3 de Ciências da Natureza destaca a necessidade de preparar os estudantes para

Investigar situações-problema e avaliar aplicações do conhecimento científico e tecnológico e suas implicações no mundo, utilizando procedimentos e linguagens próprios das Ciências da Natureza, para propor soluções que considerem demandas locais, regionais e/ou globais, e comunicar suas descobertas e conclusões a públicos variados, em diversos contextos e por meio de diferentes mídias e tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) (BRASIL, 2018, p. 544).

É importante ressaltar que a Competência 3 já traz consigo a ideia de trabalhar a ciência de forma a considerar “suas implicações no mundo”, o que evidencia o impacto da ciência na vida da sociedade. Associada à Competência 3 temos uma Habilidade que evidencia mais ainda as implicações da ciência na vida cotidiana das pessoas de forma a destacar o uso do argumento científico para a perpetuação dos mais diversos tipos de preconceitos e discriminação. A Habilidade EM13CNT305 objetiva garantir que nossos jovens estejam preparados para

Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos

individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade (BRASIL, 2018, p. 545).

Desta forma, é possível constatar que a discussão sobre diversidade está presente textualmente na BNCC, principal documento curricular norteador da Educação Brasileira para a área de Ciências da Natureza, ainda que de forma pontual. Apesar disso, no que diz respeito a minha vivência enquanto estudante recentemente egressa do Ensino Médio e estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas, percebo ainda certo distanciamento entre a BNCC, a formação e a prática docente atuais.

A articulação entre conteúdos científicos e as discussões sociais fundamenta-se na compreensão de que corpos estudados pela Biologia não podem ser reduzidos exclusivamente às suas estruturas anatômicas e fisiológicas. Conforme argumenta Louro (2014), as identidades e as experiências relacionadas ao gênero e à sexualidade são produzidas em contextos sociais específicos, sendo atravessadas por relações de poder, normas e valores culturais. Dessa forma, abordar essas questões no contexto do ensino de Biologia não significa abandonar o conhecimento científico, mas ampliar suas possibilidades de interpretação e compreensão.

Ao longo da experiência, percebi que essa articulação favoreceu uma maior participação dos estudantes nas discussões, especialmente porque os temas abordados dialogavam diretamente com situações presentes em seu cotidiano. Questões que inicialmente pareciam distantes dos conteúdos escolares passaram a ser compreendidas como parte das reflexões sobre o corpo humano, saúde e convivência social. Assim, a proposta buscou demonstrar que o ensino de Biologia pode construir, como proposto nas Habilidades da BNCC acima mencionadas, um espaço privilegiado para o desenvolvimento de debates que contribuam tanto para a aprendizagem dos conteúdos científicos quanto para a formação de sujeitos mais críticos, reflexivos e respeitosos diante da diversidade humana.

4.3 Resultados da experiência

A aplicação da proposta pedagógica permitiu observar diferentes reações dos estudantes diante das discussões sobre gênero e sexualidade articuladas aos conteúdos de Biologia. De maneira geral, a experiência evidenciou que tais temáticas despertam interesse e curiosidade entre os estudantes, especialmente quando relacionadas a situações do cotidiano. Desde os primeiros encontros, foi possível perceber uma participação significativa dos estudantes, que frequentemente compartilhavam dúvidas, opiniões e experiências relacionadas às temáticas abordadas.

Durante as aulas sobre sistema reprodutor humano, observei que muitos estudantes possuíam conhecimentos prévios limitados aos aspectos biológicos da reprodução, demonstrando pouca familiaridade com conceitos como identidade de gênero, orientação sexual e intersexualidade. Em alguns momentos, surgiram questionamentos marcados por concepções estereotipadas ou por informações equivocadas, fato que evidenciou a importância da escola como espaço de construção e socialização de conhecimentos sobre essas temáticas.

As discussões realizadas ao longo da proposta também possibilitaram identificar mudanças na forma como alguns estudantes passaram a se posicionar diante de determinados temas. Questões que inicialmente geravam risos, constrangimentos ou comentários maldosos passaram a ser discutidas de maneira mais respeitosa e reflexiva. Embora não seja possível afirmar que a intervenção tenha modificado completamente as concepções dos participantes, foi possível perceber uma maior abertura ao diálogo e ao exercício da escuta em relação às experiências e vivências de outras pessoas.

A exibição do documentário “O silêncio dos homens” (2019) constituiu um dos momentos de maior envolvimento dos estudantes. Durante as discussões posteriores, alguns participantes relataram surpresa ao perceber como determinadas expectativas sociais associadas à masculinidade podem influenciar comportamentos, emoções e relações interpessoais. A atividade favoreceu reflexões sobre machismo, violência de gênero e saúde mental, ampliando o debate para além das questões tradicionalmente abordadas no ensino de Biologia.

A roda de conversa com a análise de manchetes jornalísticas também foi uma estratégia importante para aproximar os conteúdos trabalhados da realidade social dos estudantes. Ao relacionar os conhecimentos discutidos em sala de aula a situações concretas presentes na sociedade brasileira, os alunos demonstraram maior engajamento e maior disposição para refletir criticamente sobre temas que anteriormente eram tratados apenas como opiniões pessoais ou brincadeiras cotidianas.

Além dos impactos observados nos estudantes, a experiência também contribuiu significativamente para minha formação docente. A participação no PIBID possibilitou vivenciar os desafios de planejar e desenvolver práticas pedagógicas que articulassem conhecimentos da disciplina de Biologia e questões sociais contemporâneas. Ao longo do projeto, compreendi que o ensino de Biologia pode constituir um importante espaço de diálogo sobre diversidade, respeito e cidadania, desde que os conteúdos sejam trabalhados de forma contextualizada e conectada às experiências dos estudantes.

Entretanto, a experiência também revelou alguns desafios. Em determinados momentos, foi possível identificar certa resistência por parte de alguns alunos, especialmente quando as discussões confrontavam concepções previamente naturalizadas sobre gênero e sexualidade. Essas situações evidenciaram que a abordagem dessas temáticas demanda sensibilidade pedagógica, planejamento e disposição para o diálogo. Ainda assim, tais dificuldades não impediram o desenvolvimento das atividades; pelo contrário, reforçaram a necessidade de ampliar espaços de discussão sobre diversidade no contexto escolar.

De modo geral, os resultados da experiência indicam que a articulação entre os conteúdos de Biologia e as discussões sobre gênero e sexualidade pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais significativas e contextualizadas. Ao relacionar os conhecimentos científicos às vivências dos estudantes, a proposta favoreceu não apenas a aprendizagem dos conteúdos curriculares, mas também a reflexão crítica sobre questões presentes no cotidiano escolar e social, reafirmando o potencial do ensino de Biologia como um mecanismo para a formação integral do estudante enquanto ser humano.

5 A FORMAÇÃO INICIAL E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO ENSINO MÉDIO

A formação inicial de professores constitui um processo fundamental para a construção de práticas pedagógicas comprometidas não apenas com a aprendizagem dos conteúdos escolares, mas também com a valorização da diversidade presente nos espaços educativos. No contexto da Licenciatura em Ciências Biológicas, esse debate torna-se especialmente relevante diante da necessidade de superar abordagens estritamente técnicas e desenvolver estratégias de ensino que considerem as dimensões sociais, culturais e históricas que atravessam a experiência dos estudantes.

Como discutem Moraes e Henrique (2017), a formação docente deve possibilitar a articulação entre conhecimentos científicos e a realidade social, favorecendo a construção de práticas educativas mais críticas e inclusivas. Logo, este capítulo apresenta reflexões sobre a formação inicial de professores, identidade docente e os desafios e possibilidades de desenvolver práticas pedagógicas que compreendem o corpo além de sua dimensão exclusivamente biológica.

5.1 Formação crítica para futuros professores(as)

A formação inicial de professores e professoras constitui um processo que ultrapassa a aquisição de conhecimentos específicos de uma determinada área do saber. Além do domínio dos conteúdos científicos, a docência exige a capacidade de compreender as múltiplas realidades presentes no ambiente escolar, reconhecendo que a educação envolve sujeitos marcados por diferentes experiências, identidades e contextos socioculturais. Nesse sentido, a construção de uma formação crítica torna-se fundamental para que futuros professores(as) desenvolvam práticas pedagógicas capazes de dialogar com a diversidade presente na escola contemporânea.

No contexto da formação de professores(as) de Ciências Biológicas, essa necessidade torna-se ainda mais evidente, uma vez que diversos conteúdos da área abordam temas relacionados ao corpo humano, à reprodução, à sexualidade e à saúde. Entretanto, quando esses conteúdos são trabalhados exclusivamente sob uma perspectiva biológica tecnicista, corre-se o risco de desconsiderar as dimensões sociais, culturais e históricas que também constituem as experiências dos sujeitos. Nesse sentido, Santos e Oliveira afirmam que

O que se destaca é que a linguagem recorrente no Ensino de Ciências e Biologia tem nos instado a pensarmos nossos corpos a partir de uma gramática biológica e médica eclipsando outras gramáticas, outras maneiras de significar os corpos (2020, p. 8).

Tal perspectiva contribui para que as discussões sobre gênero e sexualidade sejam frequentemente colocadas em segundo plano nos processos formativos, reforçando a compreensão dos corpos a partir de explicações exclusivamente técnicas e binárias, limitando a problematização de suas dimensões sociais, culturais e históricas.

Essa perspectiva repercute diretamente na formação de futuros(as) professores(as). Quando os processos formativos privilegiam apenas a dimensão biológica dos corpos, corre-se o risco de reproduzir a ideia de que gênero e sexualidade podem ser explicados exclusivamente pela Biologia. Entretanto, argumenta Louro (2014), gênero e sexualidade são produzidos em contextos sociais específicos, sendo atravessada por valores, normas e mecanismos de poder que influenciam a constituição das identidades. Dessa forma, compreender os sujeitos apenas por meio de categorias biológicas significa desconsiderar a complexidade das experiências humanas e das diferenças presentes no ambiente escolar.

Nesse contexto, a formação crítica pressupõe a capacidade de questionar concepções naturalizadas e refletir sobre os discursos que circulam na sociedade e na escola. Para futuros(as) professores(as), isso significa compreender que os conhecimentos científicos não são produzidos de forma isolada da realidade social, mas dialogam constantemente com valores, crenças e interpretações historicamente construídas. Tal compreensão contribui para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais sensíveis às diferenças e mais comprometidas com a promoção da inclusão.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, especialmente por meio da participação no PIBID, tive a oportunidade de compreender a importância dessa formação crítica para o exercício da profissão docente. A inserção no cotidiano escolar me permitiu perceber que questões relacionadas a gênero e sexualidade não se apresentam como temas distantes da realidade dos estudantes, mas precisam fazer parte das interações, conflitos e experiências vivenciadas diariamente no ambiente escolar. Essa vivência evidenciou a necessidade de uma formação que prepare futuros(as) professores(as) para lidar com tais questões de maneira ética, responsável e fundamentada.

A experiência relatada neste trabalho também demonstrou que a articulação entre conteúdos de Biologia e as discussões sobre gênero e sexualidade pode contribuir significativamente para a formação docente. Ao planejar e executar atividades que buscavam integrar conhecimentos científicos e reflexões sociais, fui levada a repensar concepções,

revisar práticas e compreender de forma mais ampla o papel social da docência e da Biologia enquanto ciência. Mais do que transmitir conteúdos, ensinar envolve criar condições para que os estudantes reflitam criticamente sobre a realidade em que vivem e sobre as relações que estabelecem com os outros. O ensino de Biologia por uma abordagem inclusiva, abrangendo todos os tipos de corpos, sexualidade e gênero, pode se tornar um mecanismo de legitimação dessas vivências e existências diversas.

Dessa forma, a construção de uma formação crítica para futuros(as) professores(as) de Ciências Biológicas não implica abandonar os conhecimentos científicos que caracterizam a área, mas ampliar suas possibilidades de abordagem, interpretação e aplicação. Trata-se de reconhecer que a escola é um espaço de formação humana integral e que o ensino de Biologia pode e deve contribuir para a construção de uma educação mais democrática, inclusiva e comprometida com o respeito às diferenças. Assim, formar professores(as) críticos(as) significa também formar profissionais capazes de compreender a complexidade da realidade escolar e de desenvolver práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e promovam a cidadania.

5.2 O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como um espaço de construção da identidade docente

A formação inicial de professores(as) não se restringe aos conhecimentos construídos no ambiente universitário. Embora as disciplinas da graduação sejam fundamentais para a compreensão dos conteúdos específicos e dos fundamentos da educação, a construção da identidade docente também se faz a partir das experiências vivenciadas nos espaços escolares. Nesse contexto, o PIBID desempenha um papel relevante ao possibilitar a aproximação entre universidade e escola, permitindo que licenciandos tenham contato com a realidade da educação básica desde os primeiros anos de sua formação.

Ao promover a inserção dos estudantes de licenciatura no cotidiano escolar, o programa cria oportunidades para que os futuros(as) professores(as) observem práticas pedagógicas, compreendam as dinâmicas institucionais e reflitam sobre os desafios que caracterizam o exercício da docência. Mais do que um espaço de aplicação de conhecimentos teóricos, o PIBID constitui um ambiente de formação no qual teoria e prática dialogam continuamente, favorecendo a construção de saberes docentes que dificilmente seriam desenvolvidos apenas nas disciplinas acadêmicas.

Essa compreensão aproxima-se da perspectiva de formação humana integral discutida por Morais e Henrique (2017, p. 3), ao defenderem que a educação deve assegurar aos estudantes “uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sociedade política”, sendo necessária a compreensão das relações sociais que atravessam os fenômenos vivenciados no cotidiano escolar. Nesse sentido, a experiência proporcionada pelo PIBID contribui para que a formação docente ultrapasse a dimensão estritamente técnica, favorecendo o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva diante da realidade educacional.

Em minha trajetória no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, a participação no PIBID me apresentou uma das experiências mais significativas para a construção da minha identidade profissional. A inserção na escola permitiu não apenas observar a prática docente, mas também participar ativamente do planejamento e da execução de atividades pedagógicas, vivenciando situações concretas que ampliaram minha compreensão sobre o papel social da educação e sobre múltiplas demandas presentes no contexto escolar.

Foi durante essa experiência que passei a perceber mais atentamente as relações estabelecidas entre os estudantes, identificando situações em que discursos machistas, LGBTfóbicos e misóginos eram frequentemente reproduzidos e naturalizados nas interações cotidianas. A observação dessas situações provocou reflexões sobre o papel da escola na problematização dessas questões e sobre as possibilidades de intervenção pedagógica a partir dos conteúdos da disciplina de Biologia. Dessa forma, o PIBID não apenas contribuiu para minha formação como futura professora, mas também foi o ponto de partida para a elaboração da proposta pedagógica relatada neste trabalho.

Essa experiência reforçou a compreensão de que a formação docente exige uma postura investigativa e reflexiva diante da realidade escolar. Conforme discutido por Louro (2014), a escola participa da produção de significados relacionados aos corpos, aos gêneros e as sexualidades, tornando-se um espaço privilegiado para a problematização das desigualdades e para a promoção do respeito à diversidade. Nesse sentido, a atuação no PIBID me possibilitou reconhecer que o ensino de Biologia pode ultrapassar abordagens estritamente conteudísticas e contribuir para discussões que dialogam diretamente com as experiências dos estudantes.

Por fim, a participação no programa favoreceu a construção de uma visão mais crítica sobre minha própria formação inicial. Ao confrontar os conhecimentos adquiridos na universidade com as demandas observadas na escola, tornou-se possível identificar lacunas e

potencialidades no processo formativo, especialmente no que se refere às discussões sobre gênero e sexualidade. Essa articulação entre teoria e prática contribuiu para o desenvolvimento de uma postura docente mais sensível às diferenças e comprometida com a construção de práticas pedagógicas inclusivas.

5.3 Para além do corpo biológico: desafios e possibilidades de uma prática pedagógica inclusiva

Ao longo da história do ensino da Biologia, os conteúdos relacionados ao corpo humano foram frequentemente abordados a partir de uma perspectiva centrada nos aspectos anatômicos, fisiológicos e reprodutivos. Embora esses conhecimentos sejam fundamentais para a compreensão dos processos biológicos, sua apresentação isolada pode contribuir para uma visão reducionista dos sujeitos, na qual os corpos são compreendidos apenas como estruturas biológicas. Tal perspectiva desconsidera que os corpos também são atravessados por experiências sociais, culturais, históricas e afetivas que influenciam a forma como os indivíduos se percebem e se relacionam com o mundo.

Nesse sentido, alguns autores que discutem as relações entre gênero, sexualidade e ensino de Biologia têm apontado para os limites de uma abordagem exclusivamente técnica. Conforme destacado por Santos e Oliveira:

O que se destaca é que a linguagem recorrente no Ensino de Ciências e Biologia tem nos instado a pensarmos nossos corpos a partir de uma gramática biológica e médica eclipsando outras gramáticas, outras maneiras de significar os corpos (2020, p. 187).

Essa crítica evidencia que o ensino dos conteúdos relacionados ao corpo humano pode restringir as possibilidades de compreensão da diversidade das experiências humanas quando privilegia apenas explicações biológicas e médicas.

As reflexões de Louro (2014) contribuem para ampliar essa discussão ao defender que gênero e sexualidade não podem ser compreendidos apenas como expressões naturais da biologia, mas como construções produzidas nas relações sociais e culturais. Sob essa perspectiva, o ensino de Biologia possui potencial de promover uma compreensão mais ampla dos sujeitos, articulando os conhecimentos científicos com as experiências concretas vividas pelos estudantes. Dessa forma, discutir o corpo não significa apenas estudar órgãos, sistemas e funções, mas também refletir sobre os significados atribuídos socialmente aos corpos e às identidades.

Essa necessidade de ampliar as formas de compreender os sujeitos também aparece nas discussões sobre formação docente. Morais e Henrique (2017) argumentam que a

construção de uma formação mais integrada exige compreensão das múltiplas relações que constituem os conhecimentos escolares. Essa perspectiva contribui para pensar práticas pedagógicas que articulem os conhecimentos biológicos e as questões sociais que atravessam a realidade dos estudantes.

Ao discutirem a formação de professores(as) de Biologia para o Ensino Médio Integrado, Moraes e Henrique (2017) evidenciam que a tradição disciplinar da área ainda tende a privilegiar a transmissão de conteúdos científicos de maneira fragmentada, dificultando a articulação entre os conhecimentos biológicos e as problemáticas sociais presentes no cotidiano escolar. Essa característica repercute diretamente no ensino dos conteúdos relacionados ao corpo humano, que frequentemente são abordados a partir de uma perspectiva predominantemente anatômica e fisiológica. Como consequência, temas de gênero, sexualidade, identidade e diversidade acabam sendo deixados à margem ou tratados como assuntos externos ao currículo Biologia. Nesse sentido, a crítica apresentada pelos autores reforça a necessidade de práticas pedagógicas que integrem os conhecimentos científicos às experiências vividas pelos estudantes, favorecendo uma formação mais rica e inclusiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar como articulação entre os conhecimentos do corpo humano e as discussões de gênero e sexualidade pode contribuir para a construção de uma abordagem pedagógica mais crítica, integrada e sensível às diversidades no contexto do ensino de Biologia.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que o ensino de Biologia é frequentemente marcado por abordagens fragmentadas e tecnicistas, especialmente no que se refere aos conteúdos relacionados ao corpo humano. No entanto, considerando que Louro (2014) compreende os corpos, os gêneros e as sexualidades como construções atravessadas por relações sociais e de poder, se faz evidente uma demanda por abordagens que ultrapassem explicações exclusivamente científicas e técnicas para o ensino de Biologia.

O projeto “Desmistificando gênero e sexualidade na sala de aula” demonstrou que a articulação entre os conteúdos de Biologia e as discussões sobre gênero e sexualidade não apenas são possíveis, mas também necessárias.

Além das contribuições para os estudantes, a experiência teve um impacto significativo em minha própria formação como futura professora de Biologia. A inserção proporcionada pelo PIBID permitiu compreender que a docência envolve muito mais do que a mediação de conhecimentos científicos. Ensinar implica reconhecer os sujeitos em sua diversidade, problematizar desigualdades presentes no cotidiano escolar e construir práticas pedagógicas que dialoguem com as demandas sociais contemporâneas. Em vista disso, o projeto representou uma importante oportunidade de articular conhecimentos construídos na universidade com as experiências vivenciadas na escola, fortalecendo a relação entre teoria e prática.

Outro aspecto evidenciado ao longo deste trabalho refere-se à necessidade de ampliar as discussões sobre gênero e sexualidade na formação inicial de professores(as) de Ciências Biológicas. Embora tais temáticas estejam diretamente relacionadas a conteúdos frequentemente trabalhados na educação básica, sua presença ainda é limitada em muitos currículos de formação docente. Dessa forma, torna-se importante que os cursos de licenciatura promovam espaços de reflexão que possibilitem aos futuros(as) professores(as) desenvolver conhecimentos, posturas e estratégias pedagógicas capazes de enfrentar preconceitos e valorizar a diversidade presente nas escolas.

Considero que o projeto “Desmistificando gênero e sexualidade na sala de aula” contribuiu para evidenciar que o ensino de Biologia pode desempenhar um papel relevante na

construção de uma educação mais inclusiva, democrática e comprometida com a formação integral dos estudantes. Mais do que abordar conteúdos científicos, ensinar Biologia também significa possibilitar a compreensão crítica das relações que constituem os corpos, as identidades e a vida em sociedade. Assim, espero que as reflexões apresentadas neste trabalho possam contribuir para o fortalecimento de práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade humana como parte fundamental dos processos educativos e da formação cidadã.

Finalmente, tendo em vista que o presente trabalho consistiu em um relato de experiência, acredito que uma revisão bibliográfica sobre gênero e sexualidade no ensino de Biologia no Ensino Médio possa dar continuidade à proposta do projeto “Desmistificando gênero e sexualidade na sala de aula”. A partir dessa revisão bibliográfica, futuras pesquisas poderiam analisar e propor mudanças tanto nos documentos curriculares utilizados como referência para o ensino de Biologia, quanto nas matrizes curriculares de instituições de ensino superior, como a UFC.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 20. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2025.
- LIMA, Célia Fernanda. De olhar a toques: a violência contra meninas nas escolas. **Lunetas**, Brasil, 05 dez. 2025. Disponível em: <https://lunetas.com.br/violencia-contra-meninas-nas-escolas/>. Acesso em: 02 abr. 2026.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Autêntica, 2004.
- MORAIS, J. K. C.; HENRIQUE, A. L. S. Formação de professores de Biologia para o ensino médio integrado. In: Colóquio Nacional e Colóquio Internacional: A produção do Conhecimento em Educação Profissional, 4., 1., Natal-RN. Anais, Natal, 2017. Disponível em: <https://11nq.com/sla2fho>. Acesso em: 20 fev. 2026
- O SILÊNCIO dos homens. Direção de Ian Leite e Luiza de Castro. Realização de Instituto PDH. São Paulo: Monstro Filmes, 2019. (60 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE>. Acesso em: 12 jul. 2025.
- SANTOS, Júlio César de Oliveira. OLIVEIRA, Anna Luiza Martins. Gênero, Sexualidade e Ensino de Biologia: O que pode um corpo estranho nos currículos de Biologia? **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 9, n. 17, p. 180-200, 2020.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **PENSAMENTO FEMINISTA: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.
- SERENAS; PLANO CDE. **Livres para sonhar?: percepções da comunidade escolar sobre violência contra meninas**. Brasil: Nova Escola, 2025. 91 p. Disponível em: <https://serenasbr.org/novosite/wp-content/uploads/2025/10/31out-PESQUISA-SERENAS-COMPLETA.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2026.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (Fortaleza). **Resumo do Componente Curricular: Biologia da Célula**. 2014. Disponível em: https://www.si3.ufc.br/sigaa/public/curso/resumo_curriculo.jsf. Acesso em: 12 maio 2026.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (Fortaleza). **Resumo do Componente Curricular: Genética**. 2014. Disponível em: https://www.si3.ufc.br/sigaa/public/curso/resumo_curriculo.jsf. Acesso em: 12 maio 2026.

APÊNDICE A – SLIDES UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: DISCUSSÃO INICIAL E SISTEMA REPRODUTOR MASCULINO E FEMININO³

EEMTI Antonieta Siqueira

FISIOLOGIA

SISTEMA REPRODUTOR

Prof.ª Itala Araújo - PIBID Biologia

Para começo de conversa...

Qual é a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual?



EEMTI Antonieta Siqueira

SEXUALIDADE

Conforme a **OMS**, é a força vital ligada a afeto, prazer, identidade e bem-estar. Ela tem reflexo não apenas nas práticas e desejos sexuais, mas também o comportamento social e a relação como próprio corpo.



EEMTI Antonieta Siqueira

SEXO, GÊNERO E IDENTIDADE

Gênero é um conceito social e cultural que se refere aos papéis e expectativas atribuídos a cada sexo, enquanto **identidade de gênero** é a percepção individual e interna de cada pessoa sobre seu próprio gênero.

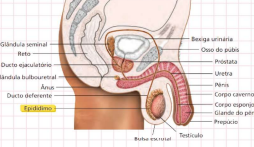
Sexo biológico ≠ Gênero ≠ Identidade de gênero



EEMTI Antonieta Siqueira

SISTEMA REPRODUTOR MASCULINO

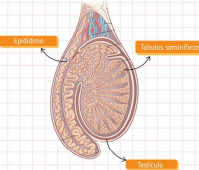
• **Epidídimo:** tubo enrolado onde os espermatozoides vão após serem produzidos. Lá, eles amadurecem e passam a se mover.



EEMTI Antonieta Siqueira

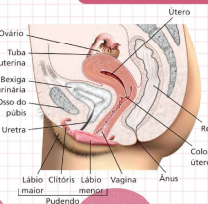
SISTEMA REPRODUTOR MASCULINO

• **Testículos:** glândulas sexuais responsáveis pela produção de espermatozoides e hormônios, principalmente a testosterona. A testosterona participa do desenvolvimento das características sexuais e da produção de espermatozoides.



EEMTI Antonieta Siqueira

SISTEMA REPRODUTOR FEMININO



EEMTI Antonieta Siqueira

SISTEMA REPRODUTOR FEMININO

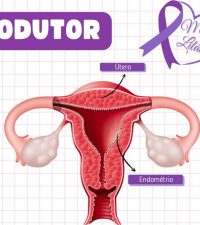
• **Vulva:** é formada pelos lábios maiores e menores, que protegem a entrada da vagina e da uretra, e pelo clitórís, que é sensível e está ligado ao prazer sexual.



EEMTI Antonieta Siqueira

SISTEMA REPRODUTOR FEMININO

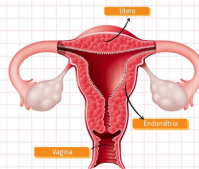
• **Útero:** órgão que desempenha um papel crucial na menstruação e na gravidez, sendo o local onde a embrião se implanta e se desenvolve até o nascimento.



EEMTI Antonieta Siqueira

SISTEMA REPRODUTOR FEMININO

• **Vagina:** canal de saída para o fluxo menstrual e para o bebê no parto.



EEMTI Antonieta Siqueira

³ Os termos “Sistema Reprodutor Masculino” e “Sistema Reprodutor Feminino” poderiam ter sido substituídos por “Sistema Genital Testicular” e “Sistema Genital Ovariano”, no entanto, novamente foram utilizados a título de manter a terminologia já utilizada no plano de trabalho da disciplina.

APÊNDICE B – SLIDES UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: PESSOAS INTERSEXUO, PESSOAS TRANS E A HORMONIZAÇÃO

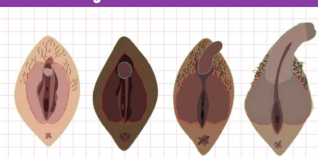
E as pessoas intersexo?

Pessoas intersexuais nascem com características do corpo, como genitais, hormônios ou cromossomos, que não se encaixam nas noções binárias típicas de corpos masculinos ou femininos.

EEMTI Antonieta Siqueira



VARIAÇÕES ANATÔMICAS



--- Grande clitoris/pênis pequeno
--- Labios/escroto

EEMTI Antonieta Siqueira

TERAPIA HORMONAL DE AFIRMAÇÃO DE GÊNERO (THAG)

A THAG é um tratamento médico que utiliza hormônios sexuais e outros medicamentos hormonais para ajudar pessoas transgênero a alinhar suas características sexuais secundárias com sua identidade de gênero.

EEMTI Antonieta Siqueira



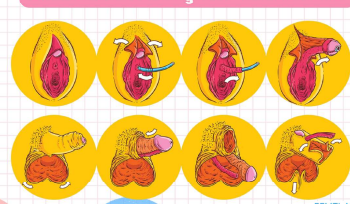
REDESIGNAÇÃO SEXUAL

A redesignação sexual é o procedimento médico e social que visa alinhar as características físicas de uma pessoa à sua identidade de gênero.

EEMTI Antonieta Siqueira



REDESIGNAÇÃO SEXUAL



EEMTI Antonieta Siqueira

TERAPIA HORMONAL DE AFIRMAÇÃO DE GÊNERO (THAG)

A hormonização é um direito seu. Para acessar a terapia hormonal pelo SUS, é fundamental buscar atendimento nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). As UBS desempenham um papel estratégico, oferecendo cuidados integrados e coordenados.

Passo a passo

EEMTI Antonieta Siqueira

Respeitar pessoas trans é respeitar a vida

Cada pessoa tem o direito de viver de acordo com sua identidade de gênero, de ser chamada pelo seu nome e pronome, e de ser tratada com dignidade.

Importante lembrar: Ser trans não é escolha, mas respeitar é.

EEMTI Antonieta Siqueira

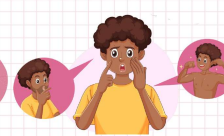


CONTROLE HORMONAL DA REPRODUÇÃO

• **Testosterona:** hormônio produzido principalmente nos testículos, mas também em menores quantidades nos ovários (em pessoas com útero).

Responsável pelo desenvolvimento dos órgãos sexuais masculinos, produção de espermatozoides e características sexuais secundárias, como crescimento de pelos e massa muscular.

EEMTI Antonieta Siqueira



CONTROLE HORMONAL DA REPRODUÇÃO

• **Progesterona:** hormônio que prepara o útero para receber o óvulo fertilizado e mantém o ambiente uterino favorável ao desenvolvimento do embrião.

A progesterona também desempenha função na regulação do ciclo menstrual e no desenvolvimento das características sexuais femininas.

EEMTI Antonieta Siqueira



Quando os níveis de estrogênio caem

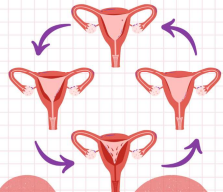
• Isso acontece naturalmente na **menopausa**, causando sintomas como ondas de calor, ressecamento vaginal, alterações de sono e humor.

EEMTI Antonieta Siqueira



APÊNDICE C – SLIDES UTILIZADOS NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO: MENSTRUAÇÃO

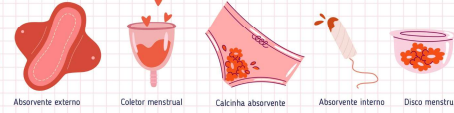
E o que é a menstruação?



- A **menstruação** é a **descamação da parede interna do útero**, chamada **endométrio**, que acontece quando não ocorre uma gravidez.

EEMTI Antonieta Siqueira

O que pessoas com útero podem usar?

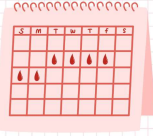


Absorvente externo Coletor menstrual Calcinha absorvente Absorvente interno Disco menstrual

EEMTI Antonieta Siqueira

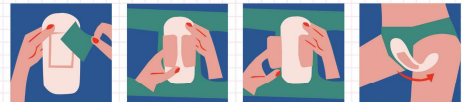
E o que é a menstruação?

- Ela geralmente acontece uma vez por mês, dura de 3 a 7 dias, e faz parte do que chamamos de **ciclo menstrual**.



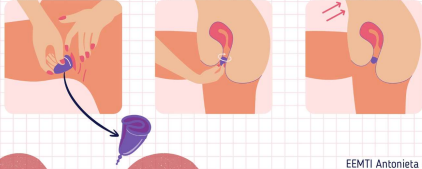
EEMTI Antonieta Siqueira

Absorvente externo



EEMTI Antonieta Siqueira

Coletor menstrual



EEMTI Antonieta Siqueira

Absorvente interno



EEMTI Antonieta Siqueira

Dor não é normal, mas sim sinal de alerta!

- Cólicas muito fortes, dor durante a relação ou alterações no ciclo podem ser sinais de problemas como **endometriose**, **ovários policísticos** ou **infecções**. Conhecer o corpo ajuda a identificar essas questões mais cedo.



EEMTI Antonieta Siqueira

POBREZA MENSTRUAL

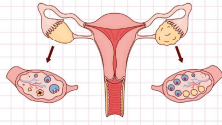
- Pobreza menstrual** é quando a pessoa que menstrua não tem acesso a absorventes, água limpa, banheiro adequado ou informações sobre a menstruação.



EEMTI Antonieta Siqueira

O que é a Síndrome do Ovário Policístico (SOP)?

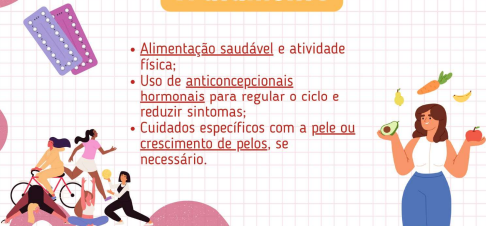
- SOP** é um **problema hormonal** que acontece com pessoas que têm **ovários**, principalmente durante os anos em que podem engravidar. Ela pode causar menstruação desregulada, excesso de hormônios como a testosterona e pequenos cistos nos ovários, que aparecem nos exames.



EEMTI Antonieta Siqueira

Tratamento

- Alimentação saudável** e atividade física;
- Uso de **anticoncepcionais hormonais** para regular o ciclo e reduzir sintomas;
- Cuidados específicos com a **pele** ou **crescimento de pelos**, se necessário.



EEMTI Antonieta Siqueira

ANEXO A – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA APLICAÇÃO DO PROJETO

Fonte: acervo pessoal